

SÍNDROME DE *BURNOUT*: REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO DE TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

BURNOUT SYNDROME: REFLECTIONS ABOUT THE CONTEXT OF DOCENT WORK OF TEACHING EARLY CHILDHOOD ADUCATION

CARLA CRISTINA BIONDO^{1*}, JORGE MANOEL MENDES CARDOSO^{2**}

1. Acadêmica do curso de graduação em Psicologia da UNINGÁ, Centro Universitário Ingá; 2. Docente do Curso de Psicologia da UNINGÁ, Centro Universitário Ingá. Mestre em Psicologia Social, pela Unesp- Assis/SP.

* Rua Barão do Rio Branco 1603, Centro, Alto Paraná, Paraná, Brasil. CEP: 87750-000. carla_biondo@hotmail.com

** Rua Pioneiro José Demori, 1962, Jardim Iguacu, Maringá, Paraná, Brasil. CEP: 87060-150. jorge.profpsic@gmail.com

Recebido em 04/10/2016. Aceito para publicação em 16/01/2017

RESUMO

O presente trabalho foi realizado por meio de revisão literária, e pretende apresentar como o *Burnout* atinge os professores da educação infantil. Justifica-se essa pesquisa, pelo fato da síndrome de *Burnout* ser um tema pertinente e relativamente recente, que pode levar a uma falência do sistema educacional, pois é um estresse profundo que acomete diversos profissionais, entre eles os docentes que enfrentam grande esgotamento emocional e físico porque seu trabalho é diário e possui dimensões que vão além das salas de aulas, dimensões que combinadas com a desvalorização e a desmotivação do profissional de ensino, associadas a salários baixos e péssimas condições de trabalho, faz com que professores desencadeiem essa patologia. Conclui-se que o *Burnout* é um fenômeno característico do contexto de trabalho de docentes na educação infantil que deve ser de fundamental importância compreender suas etapas e dimensões para prevenir ou identificar essa síndrome no meio docente.

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome de *Burnout*, professores, educação.

ABSTRACT

This work was carried out through literature review, and intends to present as *Burnout* affects teachers of early childhood education. Justified this research, because of the *Burnout* syndrome is a relevant topic and relatively recent, which can lead to a failure of the educational system as it is a deep stress that affects many professionals, including teachers who face great emotional exhaustion and physical because this work is daily and has dimensions that go beyond the classrooms, dimensions that when they are combined with the devaluation and demotivation of the teaching professional, associated with low and poor working conditions, makes teachers develop this pathology. Concludes that *Burnout* is a phenomenon characteristic to the context of docent work in early childhood education

that should be of fundamental importance to understand its stages and dimensions to prevent or identify this syndrome in the teaching environment.

KEYWORDS: *Burnout* Syndrome, teachers, education.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo caracterizar a síndrome de *Burnout*, no contexto de trabalho de professores na educação infantil; para atingir esse objetivo utilizamos revisão literária. Sendo assim, falaremos de uma síndrome que atinge professores que enfrentam em seu dia a dia a exaustão emocional e física pelo alto nível de estresse enfrentado por eles diante de situações que dizem respeito aos alunos, às famílias, à desmotivação e à desvalorização da profissão.

Portanto, Carlotto (2002)¹ explica que *Burnout* é um tipo de estresse ocupacional que acomete profissionais envolvidos com qualquer tipo de cuidado em uma relação de atenção direta, contínua e altamente emocional, sendo esta constituída de três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização pessoal no trabalho. Ela atinge com maior incidência os profissionais da área de saúde e educação.

A síndrome de *Burnout* e suas complicações crônicas atingem diretamente o cumprimento da ocupação e o desenvolvimento do trabalho e levam professores a ficarem oprimidos, desinteressados, desmotivados e doentes. Ferenhof (2002)² descreve esta síndrome como um dos grandes problemas psicossociais que estão a afetar profissionais de diversas áreas. Esta realidade tem gerado grande interesse e preocupação não só da comunidade científica internacional, mas também de entidades governamentais, empresariais, educacionais e sindicais no Brasil, pela severidade das consequências, tanto indivi-

duais quanto organizacionais, apresentadas pela síndrome, especialmente como fator de interferência nas relações interpessoais do professor.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente artigo consiste em um levantamento bibliográfico sobre o tema *Burnout*. Para tanto foram consultados livros e artigos, acessados através, dos sites de diversas faculdades no Brasil. A seleção de quais artigos foram utilizados como fonte de consulta e pesquisa, seguiu o critério da pertinência com o objetivo do artigo, qual seja de referirem-se a relação desta doença com os professores que atuam com Educação Infantil.

3. DESENVOLVIMENTO

Síndrome de *Burnout*: características

Lima (2010)³ conceitua *Burnout*, tendo *Burn* definido como queima e *out* como exterior. Quer dizer algo como perder fogo, perder energia, sugerindo que a pessoa com esse tipo de estresse consome-se física e emocionalmente, apresentando comportamento agressivo e irritadiço.

Segundo Guimarães e Cardoso (2006)⁴, o termo *Burnout* foi inaugurado nos Estados Unidos por Freunderberger, aproximadamente na década de 70, no século passado, quando ele observava que muitos voluntários com os quais trabalhava apresentavam um processo gradual de desgaste no humor e ou desmotivação. Geralmente, esse processo durava aproximadamente um ano, e era acompanhado de sintomas físicos e psíquicos que denotavam estado de “exausto”.

No dizer de Guimarães e Cardoso (2006)⁴, o conceito da síndrome de *Burnout* se desenvolveu em duas fases históricas: uma fase pioneira, em que o foco esteve na descrição clínica da “Síndrome de *Burnout*”, e uma fase empírica em que se sistematizaram as distintas investigações para assentar a descrição conceitual do fenômeno. Na década de 70 se desenvolveu o conceito da síndrome a partir da suposição de que existe uma tendência individual na sociedade moderna a incrementar a pressão e estresse ocupacional, sobretudo nos serviços sociais.

Para Lima (2010)³, a síndrome é definida como um estresse profissional e se caracteriza por exaustão emocional, avaliação negativa de si mesmo, depressão e insensibilidade com relação a quase tudo e todos, até como defesa emocional, referindo-se a um tipo de estresse ocupacional e institucional com predileção para profissionais que mantêm uma relação constante e direta com outras pessoas, principalmente quando essa atividade é considerada de ajuda.

Para Ferrari (2015)⁵, as causas da síndrome do *Burnout* compreendem em uma junção de fatores individuais e ambientes um quadro multidimensional ligado a ques-

tões de desvalorização profissional, portanto não podemos reduzir as causas dessa síndrome apenas em fatores individuais como personalidade ou condições de trabalho. Portanto, a síndrome de *Burnout* atinge profissionais altamente motivados e que reagem ao estresse laboral, trabalhando ainda mais e entrando em colapso.

Segundo Levy (2009)⁶, o *Burnout* é caracterizado como síndrome por envolver três dimensões de sintomas:

- exaustão emocional: os trabalhadores têm a sensação de esgotamento e de não poder dar mais de si em termos afetivos. Sentem que a energia e os recursos emocionais que dispõem se esauriram - resultado do intenso contato diário com os problemas de outras pessoas;

- despersonalização: o trabalhador desenvolve atitudes e sentimentos negativos e de cinismo em relação a clientes e usuários. Há ausência de sensibilidade, manifestada como endurecimento afetivo, “coisificação” das relações interpessoais;

- baixa realização pessoal: redução significativa dos sentimentos de competência, relativamente à valorização pessoal que possa ser obtida por meio do trabalho cujo objeto é as pessoas.

Carlotto (2002)¹ pontua que nas várias definições do *Burnout* encontram-se a existência e a predominância de sintomas relacionados à exaustão mental e emocional, fadiga e depressão; a ênfase em sintomas comportamentais, mentais nos sintomas físicos; os sintomas do *Burnout* são relacionados ao trabalho e manifestam-se em pessoas “normais” que não sofriam de distúrbios psicopatológicos antes do surgimento da síndrome; a diminuição da efetividade e desempenho no trabalho ocorre por causa de atitudes e comportamentos negativos.

Segundo Benevides-Pereira (2011)⁷, profissionais que desenvolvem *Burnout* apresentam quatro categorias de sintomas nas quais se destacam: a fadiga constante progressiva, os distúrbios do sono, as dores musculares ou osteomusculares, as cefaleias, as enxaquecas, as perturbações gastrointestinais, a imunodeficiência, os transtornos cardiovasculares, os distúrbios do sistema respiratório, as disfunções sexuais e as alterações menstruais nas mulheres.

Sintomas psíquicos: falta de atenção e de concentração, alterações de memória, lentificação do pensamento, sentimento de alienação, sentimento de solidão, impaciência, sentimento de insuficiência, baixa autoestima, labilidade emocional, dificuldade de autoaceitação, astenia, desânimo, disforia, depressão, desconfiança, paranoia.

Sintomas comportamentais: negligência ou excesso de escrúpulos, irritabilidade, incremento da agressividade, incapacidade para relaxar, dificuldade na aceitação de mudanças, perda de iniciativa, aumento do consumo de substâncias, comportamento de alto risco, suicídio.

Sintomas defensivos: tendência ao isolamento, sentimento de onipotência, perda do interesse pelo trabalho, absenteísmo, ironia, cinismo.

Este mesmo autor ainda ressalta que uma pessoa com a síndrome de *Burnout* não necessariamente apresenta todos estes sintomas, pois, o grau, o tipo e o número de manifestações apresentadas dependerão da configuração de fatores individuais, fatores ambientais e da etapa em que a pessoa se encontra no processo de desenvolvimento da síndrome.

Ser professor: os desafios do trabalho docente

Para Bettiol (2010)⁸, ser professor é viver intensamente o tempo disponível com consciência e sensibilidade, pois essa profissão oferece condições de trabalho no qual deve se vencer obstáculos diários como veremos no decorrer deste texto.

Codo (1999)⁹ destaca que a educação é onipresente e onisciente, portanto a tarefa de educar é objetiva, finita, mensurável, tem seu lugar, seu tempo e sua medida. O seu lugar é a sala de aula, seu tempo é a duração das aulas; as medidas são as provas.

Segundo o mesmo autor, educar é um ato mágico e singelo de sintetizar o passado, presente e o futuro, é o reconstruir, ensinar o que foi para inventar e ressignificar o que será; portanto o produto de trabalho do professor é o aluno educado, a mudança social na sua expressão imediata, a relação direta, modificar a si mesmo e o outro, para que o professor se identifique é preciso que o aluno reconheça seu trabalho.

Codo (1999)⁹ nos aponta que o produto do educador é o outro, seus meios de trabalho é ele mesmo, sua relação é estritamente social carregada de história, com uma relação permeada pelo afeto.

Segundo o autor citado, o trabalho de educar tem tudo para ser considerado o melhor, pois não é fragmentado e dá ao professor ampla liberdade, mas em termos psicológicos é um dos mais delicados.

Então qual seria o objetivo do trabalho do professor? Para Codo (1999)⁹, o objetivo é a aprendizagem dos alunos, e para que esse objetivo seja alcançado são necessárias à capacidade intelectual e a vontade de aprender por parte do aluno; por parte do professor é o conhecimento e a capacidade de transmissão de conteúdos; por parte dos pais é o apoio extraclasse.

O papel do professor, para esse mesmo autor, é um jogo de sedução, em que ele deve conquistar a atenção e despertar o interesse do aluno para o conhecimento do conteúdo que ele está querendo transmitir; esse jogo de sedução é mobilizado por afetividade que desperta o processo de ensino-aprendizagem, seduzir quer dizer trazer para seu lado, ou seja, o professor precisa que os alunos confiem nele e acreditem que aquele conteúdo será útil.

Vasques e Codo (2000)¹⁰ expõem que o trabalho de

educador é revestido de peculiaridades que não são levadas em conta, não apenas pela necessidade do estudo continuado, mas também pelas exigências da própria realização das tarefas, pois seu trabalho continua além da sala de aula - provas a serem corrigidas, figuras para ser recortadas para ilustrar os novos conteúdos, exercícios de fixação devem ser planejados. Enfim, as tarefas continuam e nem por isso há a compensação financeira ou mesmo o reconhecimento social merecido.

Os autores acima citados ainda pontuam que o trabalho do professor é revestido de características tão peculiares que não podem ficar cansados ou sofrer. Eles devem estar sempre disponíveis para atender aos seus alunos e aos seus pais. Não podem demonstrar estar tristes, pois prejudicará o desempenho dos alunos, já que para eles o professor é uma fortaleza, um exemplo. O sorriso tem que estar sempre presente, mesmo que o coração e a mente sofram.

Vasques e Codo (2000)¹⁰ colocam que o professor deve sempre estar em constante capacitação, reformulando-se para chamar a atenção dos alunos, para que as aulas não caiam na monotonia. Sendo assim, o professor tem que estar em processo permanente de formação para quando surgirem questionamentos inesperados ele seja capaz de ter respostas corretas e atuais.

Os autores acima destacam que o docente deve ter conhecimentos e habilidades suficientes; procurar formas diferentes de dizer a mesma coisa; formas de prender a atenção do ouvinte; deve tornar interessantes os conteúdos a serem transmitidos; precisa empregar esforços para aproximar do dia a dia do aluno aquilo que veem nos livros a partir de outra diversidade; deve saber e se empenhar em lidar com realidades muito diferentes, interesses muito distintos; enfim, cabe ao professor motivar os alunos, construir a cena, independente das condições do palco.

Vasques e Codo (2000)¹⁰ afirmam que ser professor hoje em dia deixou de ser compensador, pois além dos salários nada atrativos, perdeu também o "status" social que acompanhava a função há poucas décadas passadas.

Bettiol (2010)⁸ fala que a baixa remuneração está ligada relativamente à desvalorização profissional, levando ao desgaste desse profissional. Se pararmos e pensarmos um pouco, os professores de épocas atrás tinham orgulho de serem professores. Para as famílias era orgulho um pai formar uma filha professora, pois o professor era sinônimo de respeito e a profissão era invejada por muitos.

Vasques e Codo (2000)¹⁰ apontam a importância indiscutível da educação, mas o reconhecimento não atinge os profissionais responsáveis por este trabalho - os professores, recebem os baixos salários; têm condições precárias; falta de flexibilidade na administração de recursos; pouca perspectiva de progressão na carreira; trabalho importante, exigente e sem reconhecimento no

mesmo nível. Visto dessa forma, em termos organizacionais, tudo o que a escola fornece ao trabalhador a coloca como uma das piores organizações para se trabalhar.

Para Vasques e Codo (2000)¹⁰, o trabalho docente deve seguir um plano com temas, conteúdos que devem ser ensinados e avaliados, mas cada professor utiliza a metodologia que lhe é conveniente, portanto é aí que se encontra a flexibilidade do trabalho docente.

No trabalho docente existe uma parte em que os autores acima citados apontam como burocrática, que são os controles de presença, diários de classe, preparação e correção de avaliação, ainda sim nessas tarefas há a flexibilidade, pois não existe horário pré-determinado para se realizar essas tarefas burocráticas.

Vasques e Codo (2000)¹⁰ afirmam que o docente deve se utilizar das seguintes “ferramentas” dentro do seu trabalho: criatividade, imaginação, empatia, garra e amor pela docência, para conseguir o tão almejado conhecimento e a valorização.

Vasques e Codo (2000)¹⁰ nos apontam que a afetividade é o que rege a docência a cada aula ministrada, é o que marca a diferença do trabalho docente, portanto esses mesmos autores ressaltam que o trabalho docente é composto por variações, envolvendo ciclos flexíveis, possibilitando a utilização da criatividade, estimulando o crescimento pessoal e profissional do professor. Esse processo de atividade docente implica em controle, responsabilidade; esses aspectos mostram ao docente uma sensação de prazer, de sentir ser importante para outro e a liberdade de expressão da subjetividade o que é algo enriquecedor em questão que envolve afetividade.

Os autores acima citados descrevem o que o trabalho docente como desafiador, estimulador do desenvolvimento, e explorador de potencialidade, e essa atividade profissional leva ao prazer pela profissão, mostrando-nos os benefícios que essa atividade causa no outro e no próprio docente, fazendo com que se sintam mais ativos, vivos, participantes efetivos do mundo que vivem. Ou seja, é uma atividade ao qual se modifica o outro e se modifica ao mesmo tempo.

Mas o trabalho do professor, como nos aponta Vasques e Codo (2000)¹⁰, tem condições organizacionais ruins, como salários baixos, profissão desvalorizada, más estruturas físicas para trabalhar com poucos recursos materiais e instrumentos para tornar as aulas mais interessantes, ainda sim é uma atividade profissional gratificante, pois o que move esse trabalho é o poder de mudança de transformação do outro e de si mesmo, através do seu próprio eu.

Síndrome de *Burnout* e a prática do educador infantil

Bettiol (2010)⁸ afirma que a educação infantil já não deve ser assistencialista, gerando apenas os cuidados básicos para a sobrevivência das crianças, mas uma

educação para a vida, com caráter pedagógico, atualizando-se as novas exigências para substituir as crecheiras, que eram pessoas que cuidavam, davam banho e alimentavam as crianças que ficavam nas instituições enquanto as mães precisavam trabalhar. Deixaram de existir e professores com qualificação passam a ocupar estes cargos, pois a educação infantil, ou primeira infância, deixaria de ser apenas compensatória para ter a função de atender às características peculiares das crianças de 0 a seis anos, quando será gerada a primeira educação - a educação básica, e o professor irá mediar o conhecimento dessa criança e não apenas ficar cuidando, trocando fraldas ou alimentando.

Segundo Melo (2011)¹¹, o ato de educar na educação infantil não se restringe somente ao ensino da leitura e da escrita, mas envolve o ensino de outras áreas do conhecimento. Para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem é necessário que o professor elabore o planejamento de acordo com o que será trabalhado. O mesmo não tem o dever de ser seguido conforme um manual, pois pode sofrer mudanças de acordo com cada situação ocorrida na sala de aula. O ato de educar requer, portanto, intervenção mediadora do professor para promover o desenvolvimento efetivo e a aprendizagem da criança. É importante ressaltar que o ato de cuidar envolve a higiene e a alimentação que compreendem atividades que podem ser consideradas educativas. Segundo o mesmo autor, o professor precisa estimular a criança a brincar para que ocorra interação entre os pares (criança/criança), organizando um ambiente propício que permita a exploração de brincadeiras e jogos com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento das aprendizagens nas crianças. A brincadeira requer intencionalidade e planejamento do professor para que não seja simplesmente uma forma de passar o tempo.

Para Melo (2011)¹¹, o trabalho do professor de educação infantil entrelaça a tarefa de educar, com o cuidado parental e a introdução de valores morais. A dificuldade em separar esses aspectos faz-se presente. O cuidar exige tensão emocional, atenção, dedicação, entrega. Assim, o trabalhador se envolve afetivamente, e por um lado se desgasta na tensão gerada entre envolver-se afetivamente e não completar o circuito afetivo, por outro, sente-se incapaz de modificar as situações que apresentam a sua frequência.

Melo (2011)¹¹ descreve o trabalho na educação infantil como repleto de desafios diários, os quais estão relacionados ao modelo curricular a ser desenvolvido durante todo ano letivo, à autonomia da escola para obter a organização e a identidade própria, à capacitação de professores por meio da ampliação de seus conhecimentos para sua atuação na sala de aula. Esses desafios diários promovem a mudança nas práticas pedagógicas e, portanto, na qualidade do ensino.

O autor acima cita que as exigências vigentes em

nossa sociedade e a responsabilidade social do professor são fatores que causam angústia pelo fato de o mesmo ter que estabelecer relações saudáveis com os alunos, ter que ensinar princípios éticos, dar limites e buscar o equilíbrio em diversas situações ocorridas no cotidiano escolar. O constante aumento de responsabilidades faz com que o professor tenha menos tempo para cuidar de si, ou seja, seu tempo é pequeno para o lazer, o convívio social, a atualização profissional e para a execução de seu trabalho.

Segundo Reinhold (2008, apud Melo, 2011)¹¹, alguns fatores externos tais como o papel do diretor (saber resolver conflitos, empatia, saber ouvir o professor etc.) conflito, ambiguidade e excesso de papéis do professor, excesso de responsabilidades sem apoio necessário da administração, jornada de trabalho prolongada sem tempo livre para descanso durante o dia ou período livre durante o ano, excesso de burocracia, indisciplina de alunos, número excessivo de alunos nas classes, falta de integração social no trabalho, falta de apoio dos colegas, falta de tempo livre na escola para interagir com os colegas e discutir os problemas da escola, falta de reconhecimento pelo bom trabalho docente, elevadas expectativas dos superiores, dos pais e da comunidade em relação ao trabalho do professor, tédio recorrente de tarefas repetitivas, políticas inadequadas de avaliação de desempenho do professor, valores conflitantes entre instituição e professor, falta de autonomia do professor e baixo “status” da profissão do professor são considerados agentes estressores ou fatores externos (ocupacionais) que causam o estresse e, posteriormente, a síndrome de *Burnout*.

Para Bettiol (2010)⁸, alguns pais não estão sabendo educar seus filhos, não lhes ensinam valores, dessa maneira cabe ao professor fazer com que esta criança aprenda valores, tenha respeito pelo outro e desenvolva sua identidade, que isto sobrecarrega o professor, pois estas crianças deveriam vir com este tipo de ensinamento de casa. Além desse tipo de sobrecarga relacionada à bagagem que a criança deveria trazer de casa, outro fator gerador de estresse surge quando a escola vira um depósito de crianças dentro de salas pequenas.

Vasques e Codo (2000)¹⁰ colocam que os docentes suscetíveis ao *Burnout* são os que possuem como característica da personalidade, *locus* de controle externo, baixa resistência egoica, intolerância e ambiguidade de papéis, assim como professores da educação infantil que além de cuidar têm que educar e passar conteúdos pedagógicos peculiares à primeira infância.

Vasques e Codo (2010)¹⁰ descrevem que o *Burnout* acomete os professores quando não conseguem atingir os objetivos planejados ou pretendidos, trazendo um sentimento de impotência, incapacidade pessoal para algo que tanto sonhou, levando a avaliar se negativamente tanto no campo pessoal como na docência, os

professores nesses casos começam a desenvolver atitudes negativas, ou seja, criticam seus alunos culpabilizando-os pelo seu fracasso. A atividade docente passa a ser vista pela troca, uma “coisificação” do outro, o aluno passa a ser tratado como objeto de forma fria, ocorre quando o vínculo afetivo é substituído pelo racional.

Os autores acima citados nos relatam que a síndrome de *Burnout* trata de sentimentos crônicos de desânimo, apatia, despersonalização e atinge principalmente trabalhadores, ao qual sua atividade profissional esteja envolvida com o cuidar, assim como o trabalho docente é um processo de deterioração das relações de trabalho.

Jeibili (2008)¹² mostra-nos que tal síndrome tem estágios que se agravam conforme a evolução da patologia. No primeiro estágio, o acometido já não tem vontade nenhuma de ir ao seu trabalho, ausência do ânimo com surgimento de dores. De uma forma geral, a função de ir trabalhar se torna um desgaste. No segundo estágio, a professora já não tem uma relação afetiva boa com os profissionais de sua instituição de trabalho, tornando o ambiente tenso. Pensamentos neuróticos passam a aparecer para o acometido, como se alguém estivesse confabulando contra a sua pessoa e, dessa forma, por entender que as pessoas estão contra ela, as faltas no trabalho começam a ficar cada vez mais frequentes e as decisões ficam cada vez mais nulas. O terceiro estágio compromete as habilidades e as capacidades, ficando mais comprometidas a cada dia, os erros dentro de sala de aula se tornam mais frequentes, pois os lapsos de memória tornam-se constantes e a atenção acaba ficando dispersa e focada no que os outros possam estar planejando a seu respeito. Começam a surgir doenças psicossomáticas e oscilação de humor. E no quarto e o último estágio ocorrem o total comprometimento do corpo das professoras com a síndrome de *Burnout*. A característica mais evidente é o isolamento, que faz com que o professor passe a evitar seus alunos e qualquer forma de contato, dá apenas explicações breves a quem precisa e tem resistência à mudança. A ida à instituição se torna cada vez mais escassa, pois acaba se ausentando muitas vezes.

Carlotto (2002)¹ afirma que o *Burnout*, em professores, se apresenta como um fenômeno complexo e multidimensional, que é resultado da interação entre aspectos individuais e o ambiente de trabalho, incluindo também os fatores macrossociais, como políticas educacionais e fatores sócio históricos. O trabalho das professoras de educação infantil é baseado em muita rotina, repetição e decepção, o que faz com que acabe gerando dúvidas, tornando o trabalho cansativo.

Vasques e Codo (2000)¹⁰ nos colocam que estes professores que se deixam abater, sem vontade de ensinar e até pensando em desistir da docência, esses podem ter experimentado a síndrome de *Burnout*. Professores com essa síndrome são muitas vezes desanimados, queixosos, tratam seus alunos como uma parte da linha de monta-

gem, vale lembrar ainda que o trabalho do professor vem de atividades que exigem o cuidar e que isso envolve além da afetividade a racionalidade.

Beittol (2010)⁸ afirma que o trabalho deve ser fonte de realização e prazer, mas pode causar sofrimento e enfermidades. Hoje, o trabalho das professoras de educação infantil é baseado em muita rotina, repetição e decepção, o que faz com que acabe gerando dúvidas, tornando o trabalho cansativo. Com tanta rotina e conflitos, a falta de reconhecimento profissional dentro da área da educação infantil e muitas horas de trabalho podem surgir a síndrome de *Burnout*. Nos casos mais sérios, os sintomas acabam afastando os profissionais da sala de aula, levando até mesmo algumas professoras à desistência da profissão.

Diante dessa síndrome, Oliveira (2009)¹³ aponta que psicólogos escolares devem basear sua atuação na promoção da saúde mental, identificando fatores que comprometem ou dificultam o trabalho docente, trabalhando em uma perspectiva preventiva.

5. CONCLUSÃO

Concluimos que a síndrome de *Burnout* é um fenômeno que atinge professores na educação infantil e que deve ser de fundamental importância que se compreenda a mesma, identificando suas etapas e dimensões para que ações de prevenções sejam tomadas, a fim de atenuar ou exterminar essa síndrome.

Notamos que o *Burnout*, em professores, é um fenômeno amplo, complexo e com muitas dimensões, que é resultado de interação de aspectos individuais e de ambiente de trabalho. Um ambiente que diz respeito a todos os fatores envolvidos nessa relação, desde as salas de aulas e do contexto institucional, até os fatores sociais, as políticas educacionais, os tratamentos dirigidos aos professores que acumulam fatores emocionais e físicos que podem desencadear o quadro patológico de *Burnout*.

Constatamos também que apesar de toda flexibilidade e liberdade encontrada e descrita neste artigo, o trabalho docente pode levar a desenvolver um nível de estresse elevado, pois, o docente tem uma série de atividades, que compreende preparar aulas, executar o que se preparou e avaliar os alunos, corrigir provas, preparar diários e notas, trabalhando sobre pressão de prazos e datas que a instituição escola impõe.

Portanto, o contexto de trabalho do professor de educação infantil envolve propensões para se desenvolver essa síndrome, como falta de reconhecimento da profissão, péssimas condições de trabalho, salas de aulas lotadas, ambientes desfavoráveis para estabelecer vínculos, salários baixos e desmotivação.

Concluimos que a classe de professores de educação infantil é a que está mais exposta a desenvolver essa síndrome em seu trabalho docente, pois o ato de educar

desses profissionais vai além do ler e escrever e envolve uma relação maior de cuidado, afeto e expectativas.

Notamos também que o *Burnout* é uma síndrome que faz os professores a desistir de sua docência, ou serem desviados da principal função - ensinar, levando o sistema educacional a uma deficiência ou escassez desse profissional.

Compreendemos, portanto que o *Burnout* é potencializado pela vivência de estresse no ambiente de trabalho docente, todavia que em longo prazo, a persistência das condições laborais geradoras do estresse, potencializa a exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização no trabalho.

REFERÊNCIAS

- [01] Carlotto MSA Síndrome de Burnout e o trabalho docente. *Psicologia em estudo*, 2002 – SciELO Brasil.
- [02] Ferenhof IA, Ferenhof EA. “Burnout em professores”.- Eccos – Avaliação e Mudanças – Centro Universitário Nove De Julho. São Paulo, 2002. Disponível em: http://tupi.fisica.ufmg.br/~michel/docs/Artigos_e_textos/Stress_qualidade_de_vida/007%20B%20-%20Burnout%20em%20professores%20-%20ARTIGO.pdf Acessado em 15 de novembro de 2015.
- [03] Lima IP. A Ocorrência da Síndrome de Burnout em Professores do Ensino Médio da Rede Pública. 2010. Disponível em: <http://www.pedagogiaaopeletra.com/posts/a-ocorrencia-a-da-sindrome-de-burnout-em-professores-do-ensino-medio-da-rede-publica/>. Acesso em 9 de março de 2015.
- [04] Guimarães MAL, Cardoso DCLW. Atualizações sobre a síndrome de Burnout. Disponível em: www.debas.eel.usp.br/~wilcar/BURNOUT-editado.doc Acessado em : 4 de julho de 2016.
- [05] Ferrari JS. “Síndrome de Burnout”; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/psicologia/sindrome-burnout.htm>>. Acesso em 18 de novembro de 2015.
- [06] Levy CTM, Sobrinho FPN, Souza CAA. Síndrome de Burnout em professores da rede pública. *Production Journal*, 2009. Disponível em: <http://www.prod.org.br/doi/10.1590/S0103-65132009000300004> Acessado em : 9 de março de 2015.
- [07] Benevides-Perreira AMT. O estresse e a Síndrome de Burnout no trabalho docente: algumas reflexões. Disponível em: <http://www.abrapee.psc.br/xconpe/trabalhos/1/151.pdf> Acessado em 03 de agosto de 2016.
- [08] Bettiol CS. Síndrome de Burnout: Elementos Geradores do processo na ótica de profissionais da rede municipal de educação infantil de Criciúma. Universidade do extremo Sul Catarinense-UNESC, 2010. Disponível em: <file:///D:/Usuario/Pictures/Chalana%20de%20Souza%20Bettiol.pdf> Acessado em : 3 de agosto de 2016.
- [09] Codo W. Educação: carinho e Trabalho, Burnout a síndrome da desistência do educador, que pode levar a falência da educação. Editora vozes, Rio de Janeiro, 1999.

- [10] Vasques MSI, CodoW. Burnout: Sofrimento Psiquico dos Trabalhadores em Educação (volume 14 da coletânea Cadernos de Saúde do Trabalhador - CUT). 1ª. ed. São Paulo: CUT, 2000.
- [11] Melo CBL. O estresse e o Burnout em professores da Educação Infantil. Disponível em: http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Cristina_de_Melo.pdf Acessado em:17/08/2016.
- [12] Jbeili C. Cartilha da Síndrome de Burnout: Identificação, tratamento e Prevenção. 2008.
- [13] Oliveira CBE, Araujo CM. M. Psicologia Escolar: Cenários Atuais .Publicações UERJ. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/artic le/view/9075/7475> Acesso em 18 de novembro 2015.